

THE FUTURE OF CODE POLITICS II TECHNOLOGIES OF RADICAL CARE

PANEL: LOST IN TRANSLATION II: DECOLONIZING OUR IMAGINARIES ABOUT TECHS

with texts by Denise Alves-Rodrigues, Lu Ain-Zaila,
Gabriela Damián, performed by Kupalua, Génesis
Victoria, Thainá Ina, Yela Quim & Eli Wewentxu.
Moderation & curation: Lucía Egaña & Joana Varon.

English translations by Trajano Pontes.

This session will recover, rewrite and recognize a diversity of cosmovisions around technology.

Therefore it plays with the possibility of thinking about other temporalities, outside of linear progressive time to access ancestral knowledge and imagine decolonial speculative futures. In search of tech imaginaries that run apart from the vision of futures entailed by Silicon Valley and Hollywood, Lu Ain-Zaila, Denise Alves-Rodrigues and Gabriela Damián were invited to contribute stories that bring to the corefront concepts of afrofuturism, non-mechanical and non-heteronormative machines and decolonial science fiction. Those stories will be interpreted live by musicians and performers Kupalua, Génesis Victoria, Thainá Ina, Yela Quim & Eli Wewentxu.

Watch this session and access all these texts in their original languages and in German or English checking out the video description:



ENSAIO: TODA TÉCNICA É TESTEMUNHO

Autora: Denise Alves-Rodrigues

0 - A FALHA BASAL

QUE toda pessoa possui em sua história pessoal, um erro de aprendizado básico na sua vida: penso nessas histórias como um desvio de código, um gap inesperado na montagem de uma engrenagem que sempre vai fazer uma máquina dar um solavanco. Meu bug é o mal de embaçamento, coisa que pega em pessoas errantes ou de fronteiras. Esse embaçamento, atua em mim no que pode ser visto por outros como um transtorno do limite e da orientação das coisas, mas para mim não é um transtorno é só o meu princípio vital.

Nunca conseguirei indicar com precisão quais são as maiores influências do Universo sobre esse meu modo de operação, até porque ele se altera ou se adapta com o tempo. Inclusive, não consigo indicar se isso advém de ter nascido e crescido entre deslocamentos pelos interiores do Mato Grosso do Sul e de São Paulo, de ter vindo ao mundo sob o signo de Saturno, mas com as influências lunares de Gêmeos, ou se foi um embaraço constante de entender a própria identidade, raça, origem e classe. Ou mesmo se, no final das contas, ter um dia quebrado uma caixinha de música para ver sua mecânica, ou ter sido apresentada a um oficial maquinista dentro da sala de projeção de cinema, faz sentido frente a tudo que me impulsiona a fazer Artes, Tecnologias e Ciências Afins.

O que conta é que toda a energia de embalar na dúvida é o eixo principal, e o que posso fazer é apresentar um atalho entre memórias, práticas e projetos, compreendendo produções através do sonho, terra, sexo, eletricidade e afeto, começando pelos

1 - GESTOS PRIMORDIAIS

QUE me foram ensinados na minha pré-alfabetização iniciada por minha mãe enquanto eu acompanhava suas leituras de Guia Astral do João Bidu* após o almoço na cidade de Araçatuba (Estado de São Paulo). Mal sabia ela que enquanto buscava e lia simpatias nas páginas da revista eu acompanhava e quando interrompia ela perguntando (principalmente sobre as figuras) e ela me indicava letras e palavras, através de sua voz e indicações

eu estava aprendendo a ler. Entre feitiços cristãos e horóscopos diários, entro em ascendente curiosidade tanto por aparelhos eletrônicos quanto por técnicas domésticas de manutenção do cotidiano. A Técnica era invocada a todo instante, pela pressão perfeita do berrante na boca do tocador até o passar da linha de algodão e o dobrar das barras de calça que minha mãe costureira me ensinou sem ao menos me deixar tocar no tecido.

Observação, escuta e mímese de atos seriam, um dia em um laboratório no meio dos anos 2000, destacados como skills valiosos para meu trabalho como designer ou maker. Assim entendi que é inseparável o manejo-movimento que as mãos podem fazer da cultura que elas nascem. Esse contágio do familiar nas Tecnologias e Ciências, contradiz protocolos e métodos padronizados, repetidos em oficinas/laboratórios/fábricas e costume discutir com colegas desenvolvedores porque não desenterram suas mitologias íntimas e espirituais para embutí-las em seus protótipos e produtos.

Na região onde tive meus primeiros assombros de máquinas (materiais e incorporais), há um pouco mais de três décadas, as habilidades que habitavam o imaginário caipira (como a comunhão e espiritualidade telúrica, assim como o verbo que era entoado como encantamento da mente e persuasão da língua) foram substituídas pelo Agro High Tech, em que drones e venenos disputam a terra, não como novidades eletrônicas e químicas, mas como atualização do labirinto melancólico que vivem aqueles que desejam a capital e o Capital e não sabem que uma mistura entre ruído, óleo diesel, disputa de ideias via wi-fi e acúmulo de dados mentais, alteram a peneira da fabulação. A prova disso foi estar

2 – ATENTA AOS SINAIS

COMO quando sonhei que andava até um local onde Nikola Tesla mexia em uma caixa que estava sobre uma mesa e sob a luz de um lampião; chego perto da mesa e o cientista indica para olhar dentro da caixa, dentro uma máquina cheia de engrenagens que ficava fazendo movimentos aleatórios, pergunto a Tesla o que aquilo fazia, ele responde, sua boca mexe, mas não sai som, pergunto novamente o que era aquilo e ele fala novamente sem som. Não entendo para que serve aquela máquina, mas não pergunto novamente, porque era o Tesla na minha frente e eu sabia, por leitura de uma biografia dele, que era um homem misógino. Então dentro do meu sonho me sentia sortuda por ter conseguido espiar dentro de sua caixa, porque em meu inconsciente já havia alastrado o input de que eu deveria repetir essa máquina e quando me perguntassem o que era ela, explicaria:

Criei essa máquina que se retorce e se repuxa, e suas peças, cada gear, polia, parafuso, eixo, arruela, porca são feitos de ouro, prata, pau brasil, ametista, esmeralda, muiracatiara, nióbio, bauxita, ferro, cobre, estanho, jacarandá, cumarú, curupixá, cedro rosa, freijó, jatobá, safira, citrino, rubi, topázio e tudo isso em movimento tem a função de nos mostrar que nenhuma Revolução Industrial e Tecnológica teria sido possível sem consumir Cierro Rico por dentro ou arregaçar Ouro Preto e todas as outras cidades e povos que desapareceram no pesadelo do progresso. A resolução dessa máquina é que a Origem é uma Miragem.

O que me consola na trajetória de toda a história que leio sobre Tecnologia é entender que parte de nós que fomos saqueados, apreciamos o avesso como resistência e teimamos em não ler e seguir os manuais de instrução, porque é como se possuíssemos uma fonte inesgotável de erro para testar antes de enviar para

3. USUÁRIOS INVENTORES

QUE são os que há de vir e farão uso do nosso manejo de energias em peças fabricadas.

É provável que toda pessoa que já pesquisou algo sobre Tecnologia no Brasil se deparou, entre os termos que encontrou, com a palavra Gambiarra. Essa palavra é tão popular quanto Deus, Carnaval e Dinheiro para nós. Extensão técnica do “Jeitinho Brasileiro”, foi cooptada e instalada como padrão estético e também instaurada como norma política, em processos de medidas provisórias. Higienizamos a gambiarra, mas ainda espreitamos pelo erro, quando reinventamos e invertemos ou borraríamos as aplicações técnicas das Artes, da Magia, da Ciência ao tentar sair da rede que controla o psico-social e instrumentaliza a curiosidade.

Uma das atuações que tenho no campo da Arte e Tecnologia é a de professora, algo recorrente nos alunos é a não intimidade ou vontade de coexistir com aparelhos e máquinas que não seja como Usuário Consumidor. Muitas pessoas já frequentaram minhas aulas em oficinas práticas e desistiram no meio da sessão, por entenderem que teriam de produzir um circuito eletrônico ou uma aplicação digital que não atendesse a uma relação “gamificada” com o que estava a sua frente. Nesse caso, minha estratégia é retomar os modos como aprendi e tentar oferecer às pessoas formas de invenção não só de aparatos, mas de suas próprias ferramentas. Como se estivessem em um processo de auto oracular-se, muitas indicam lástimas e epifanias em relação aos aparelhos e máquinas, vozes inventoras que foram

caladas por receio de não estarem fazendo “no modo correto”.

Disputo a atenção dessas pessoas contra o que chamo de Paixão Neoliberal, um estado que dispõe alguém a produzir o ciclo de projeção-produção-uso-descarte de um objeto e assim apenas repetir o “modo correto” de trabalhar com ferramentas e invenção. Algumas pessoas se sentem autorizadas a um gesto que as fazem parecer um cosplay robótico, com instruções de repetição e buscando soluções inovadoras e tendências Industriais. Aqui o desafio é sempre como entortar as formas de pesquisa que nos são apresentadas até que elas percam seu próprio padrão e pasamos a projetar pelo

4. DESEJO E DEMANDA

ISE quisermos criar máquinas que comecemos pelas de intenção. Indico tentar prototipar através de regras que só fazem sentido pelo tempo de uma faísca de pensamento ou arrepio da anunciação. Costumo bender minhas ferramentas e soprar vontades aos componentes eletrônicos que uso em minha bancada. É um procedimento que sempre deixa todo o percurso interessante em relação às experimentações eletrônicas e cria uma conexão com a máquina; é bem mais agradável do que ler Simondon. Outra técnica que uso é escolher componentes pela frequência do Tarot, como se um capacitor eletrolítico possuísse um arquétipo específico que se localizado em tal ponto da trilha daquele circuito o ativa melhor. Inserir materiais que julgam não possuir nenhuma capacidade elétrica, também é bem vindo, como pedras, alimentos e tecidos.

Trabalhar entre a performance da superstição, pela emancipação da técnica e através dos sonhos de minha comunidade é o que me fez uma Tecnosapatista. Essa palavra foi elaborada e adaptada a partir da fusão de Tecno + Sapatismo (Sapatão é como lésbicas caminhoneiras são chamadas no Brasil); foi um termo inventado por mim e testado entre piadas e flertes com lésbicas que se encontraram para um intensivo de estudos de eletrônica. Tomo essa combinação como perfeita para indicar o que pode ser uma máquina de intenção, algo que se move, com engrenagens que podem ser ou não visíveis, podendo sua energia vir de sopro, líquidos e combustão de afetos.

O Tecnosapatismo (eu acho) pode ser usado por todas as pessoas (menos eletro macho makers). A experiência da Cultura Lésbica me ensinou que nós abstraímos através da vivência de contra fluxo, o funcionamento de essências particulares que fazem a Tecnologia. Assim: abrimos a Caixa

Preta de Flüsser usando faca de cortar pão. Uma chave Phillips é muito pouco pra gente. Tomamos os modos de vida normativos, observando e reinventando. Não é um escape, é uma dobra espaço-tempo-ação. Recriamos astáveis e poderíamos tatuar “Tentativa Erro” dentro de um coração em chamas.

É preciso advertir que termos, máquinas e aparelhos construídos sem domínio e por intenção tendem a uma autotransformação declarada e intensa e em minha trajetória percebo que

++++

5. AMADORYS OU OS PRINCÍPIOS SEM FIM

QUANDO me perguntam o que sou e por onde transito, respondo que atuo como Artista Visual, Tecnóloga Autodidata e Astrônoma Amadora, me deslocando entre meus interesses preferidos (chamo de indisciplinas) que são as Tecnologias Falhas, as Teorias Duvidosas, as Ciências Impuras e as Metodologias Inúteis, me esquivo entre sujeitos do desempenho e engajamentos psíquicos através de lapsos cotidianos que fui criando, como se fossem cápsulas de tempo, casulos onde volto minha atenção sem ser interrompida enquanto elaboro uma resistência íntima que pode ser observada através das obras e projetos que faço. Para desenvolver os meus interesses, instaurei uma elasticidade no que entendemos por tempo, porque seria difícil demais aplicar passado-presente-futuro na Técnica Austral e que se pensarmos nos tempos como sedimentos ou gêneros, sabemos que três são bem poucos.

Uma poeta brasileira criou um termo que me apeguei muito e que aplico sempre frente uma bancada de ferramentas: Amativa. Um neologismo para ativar amadoras. Para se desenvolver na Amadoria das Coisas é preciso pender entre Complexidade e Fortuna, entender como investigar através de camadas infinitas de tutoriais em vídeos ou textos postados em fóruns que vasculhamos sozinhas de madrugada, não muito diferente que entrar mata adentro para caçar plantas de poder e ervas de sabedoria em momentos em que todos estão longe ou quando a Lua Cheia puxa a seiva interna pelas folhas e as deixam mais verdinhas e fáceis de encontrar. A prática amadora é uma boa maneira de aliviar a carga do especialista, ao se dedicar à um objetivo por apreciação e sem a pressão da autoridade, moldamos materiais com respeito e fascinação. Assim, através desse texto, ensaiei um teste-relato de partilha, sobre como convivo com Tecnologia como sendo Coisa, que também é constituída de terra, sangue, erro, afeto

e delírio. Dividir memórias e especulações acerca das técnicas, é um trabalho cuidadoso de escrever os próprios mitos

+++++

REFERÊNCIAS:

*Revista Mensal de Astrologia, muito popular no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. O autor, João Bidu, continua fazendo leituras e previsões na internet.

* Nikola Tesla: Inventor e Engenheiro Canceriano. Nasceu na Croácia, Morreu nos EUA.

* Gilbert Simondon: Filósofo e Tecnólogo Francês. Escreveu sobre como os Objetos Técnicos têm uma existência específica.

* Poeta Brasileira - Ana Cristina César: Poeta, Crítica e Tradutora, carioca, fez parte da geração mimeógrafo no Brasil.

THE FUTURE OF CODE POLITICS II TECHNOLOGIES OF RADICAL CARE

PANEL: LOST IN TRANSLATION II: DECOLONIZING OUR IMAGINARIES ABOUT TECHS

with texts by Denise Alves-Rodrigues, Lu Ain-Zaila,
Gabriela Damián, performed by Kupalua, Génesis
Victoria, Thainá Ina, Yela Quim & Eli Wewentxu.
Moderation & curation: Lucía Egaña & Joana Varon.

English translations by Trajano Pontes.

This session will recover, rewrite and recognize a diversity of cosmovisions around technology.

Therefore it plays with the possibility of thinking about other temporalities, outside of linear progressive time to access ancestral knowledge and imagine decolonial speculative futures. In search of tech imaginaries that run apart from the vision of futures entailed by Silicon Valley and Hollywood, Lu Ain-Zaila, Denise Alves-Rodrigues and Gabriela Damián were invited to contribute stories that bring to the forefront concepts of afrofuturism, non-mechanical and non-heteronormative machines and decolonial science fiction. Those stories will be interpreted live by musicians and performers Kupalua, Génesis Victoria, Thainá Ina, Yela Quim & Eli Wewentxu.

Watch this session and access all these texts in their original languages and in German or English checking out the video description:



A ANEDOTA DO “SIM, ACEITO...”: O TERROR REALISTA DO MAU USO DA TECNOLOGIA REELABORADO PELA FICÇÃO

por Lu Ain-Zaila

Precisamos de novas anedotas para os tempos contemporâneos.

Aos poucos a intensa escuridão que pairava naquela imensa sala de funcionários deu lugar a um pouco de claridade, mas algo ainda não parecia certo. Eu sabia onde estava, sentado em minha célula de vendas, na qual passei anos vendendo ações “estapafúrdias” de mercado verde para clientes classe C e D, os novos sonhadores a se explorar e o quadro de metas era um potinho digital, onde um cliente valia uma moeda e conforme a projeção se enchia alterava a sua cor de azul para dourado. Era mais fácil me lembrar disso do que como ou quando cheguei ali. E essa dúvida fazia todo o meu corpo se encolher em calafrios.

Não faça isso! É um erro acreditar nessa bobajada toda, eu dizia em minha mente ao cliente do outro lado da linha, mas o discurso de que somos todos um, você é membro desta alma maior que é a Etc.Corp. salvando o mundo com belas imagens criadas por montagem de imagens velhas, recicladas era doce demais para a pessoa não dizer “Sim, aceito...” sem ao menos perguntar dos pormenores, tipo... se a área onde morava não seria partida ao meio para passar um cabo de velocidade ou afetada pela poluição de algum novo “império tecnológico” se instalando mais à frente. E sim, eu vendia ilusões de um mundo mais verde, um mercado com muitos ganhos no horizonte e como a pessoa poderia acreditar que eu, ao telefone dizendo isso, não deveria ser o primeiro a comprar tal beleza? Essa é a questão e ao mesmo tempo não era.

Mas a pancada fez meu coração disparar, sair pela boca. O som de uma cadeira e depois outra sendo jogada me fez levantar de imediato e perceber que ao meu redor tinha algo muito errado, choros e gritos estavam do outro lado da minha baía e a curiosidade, acima do medo ou o medo abaixo da sobrevivência me fez abrir, só um pouquinho a porta da minha baía e foi quando percebi minha visão embaçada e um formigamento na garganta. Pensei o pior, mas tudo o que vi foram meus colegas ensandecidos, como

se suas almas estivessem em fogo. E do nada me ocorreu que ainda não me lembrava de quando ou como eu havia chegado ali.

Que dia da semana é hoje? Será que trabalhei hoje? Tais pensamentos pareciam querer me deslocar do caos ao meu redor, teclados e cadeiras sendo empurrados, quebrados. Minha baia era alta, mas meu único olho à espreita na porta e meus ouvidos não escaparam de absorver aquelas perguntas incabíveis na minha cabeça: *O que fizeram comigo? Eu não sei mais o contato da minha irmã! Aquela é a minha pele?!*

Eu sempre disse a mim que jamais me envolveria com nada político e se acontecesse, como naquela historinha dos que vieram buscar um e mais um, eu sairia correndo, mas não sai, pois o pânico me fez perder as contas. Eu era o último? Não sabia porque não conseguia ouvir meus pensamentos com tanto desespero ao redor da minha baia de atendimento, que do mais absoluto nada foi diminuindo e me enchendo de pavor, conforme o espaço vago na sala, o ar foi sendo ocupado por vozes paralelas, familiares e mal-ditadamente acolhedoras.

A Chimera Verde – Bolsa de Ativos de Mercado Verde de Ações agradece a sua constante aceitação do Pacto, quer dizer... desculpe, dos Termos Gerais e Condições de Uso, Escaneamento e Doação de seus sentidos, dados e órgãos para o nosso banco de dados e partes úteis. Tenham certeza de que agora e em definitivo, vocês fazem parte do corpo desta empresa. Nossas machines learning finalmente estão concluídas e como podem ver, nossa robótica atingiu um novo nível de aprendizado e articulação graças ao empenho e captação das vozes e expressões de cada um de vocês. Acreditem no futuro e que a nossa empresa fará um bom uso de seus membros, memórias, pesquisas e contatos. E nosso jurídico já está em plena atividade, pronto para afundar cada um de vocês em muito papel não reciclado, produzido graças aos créditos de carbonos de nossa mais limpa e nova subsidiária. Já nosso financeiro está depositando uma quantia justa, mas não satisfatória em suas contas bancárias nesse exato momento. Todos estão demitidos por incapacidade.

Muitíssimo obrigada!

Co... como assim? Muitíssimo obrigada! O caralho! Mas... ué, cadê?!

Abri a porta da minha baia para gritar, mas minha... foi quando meu coração parou, meu corpo trincou e eu entendi. Abri a boca e a v-voz não veio. Tentei de novo e quando levei a mão ao rosto, não estava ali. Encarei em desespero meu reflexo na baia e não vi, arranhei buscando e enfim caí,

afundei no chão como uma pedra na água muda ao som da minha voz. Lá... do outro lado da baía, integrando aquele fractal de agradecimentos nojento, moldado com nossas partes sob metal. Que dia é hoje?

De novo, esqueci e me faltou o ar de tanto gritar sem gritar. Minhas pernas que pareciam tábuas enrijecidas, de repente, se alimentaram do desespero de perceber que nenhum de nós foi o último. Não existiu último! E então eu vi e ouvi, na terceira fileira de baías, de novo. É a minha boca! A minha voz ali!. Eu quero a minha boca de voltaaaaa!

FIM.

Mas na verdade é só o começo...

Aprendi com a mitologia dos povos negros que “anedotar” o caos antes do caos ensina, não a escapar de um problema que pode mudar de forma, mas a reconhecer os sinais em nós mesmos de que algo, ali, definitivamente está errado.

Imagine o conto acima, dá medo. O protagonista não acordou. Não é um sonho e não sei se é exatamente ficcional... se você se der conta de que você passa, ao menos, algumas horas do seu dia doando dados que você nem sabe que estão servindo para criar um perfil mal diagramado sobre você, a não ser que já tenha percebido aquelas ofertas estranhas, relacionadas à pesquisas de coisas que você nem pensou em comprar? Mas alguém vai e é por isso que seus cookies valem ouro.

Por isso, gosto de projetar questões que nos cercam em histórias, a mesma lógica que encontramos naqueles contos que geralmente possuem animais (escorpião, tartaruga, lebre, aranha...). Todos nos falam dos perigos, aventuras e desventuras do cotidiano, que hoje não nos chamam a atenção, mas estão lá, a cada “aceite de escorpião” que damos como tartarugas sem a opção de discordar e ainda assim continuar. E o que isso faz de nós? A tartaruga que nunca atravessou o rio, consciente ou não.

O mundo fica mais fácil de entender quando contamos histórias.

Precisamos delas urgentemente, pois através desta troca “da boca ao ouvido” é que entendemos melhor o mundo e enxergamos as armadilhas de um discurso bonito, crível e extremamente desinteressado em resolver os problemas no seu próprio quintal. Pois é. Fica a dica.

Precisamos nos comunicar, a palavra dita é o meio mais direto de informar

e conectar pessoas, o olho no olho, a escuta de quem já está fazendo de verdade e as mãos fazendo acontecer no ali e agora são poderes inatos que não podemos perder. Essas maquinarias que juntas fazem a força e podem votar, desenhar um mundo melhor são mais poderosas do que imaginamos.

E não digo que tecnologia-maquinário é um problema em si. Não. É uma ferramenta criada por pessoas e isso faz desses objetos úteis ou falhos, podendo ser uma parte da solução ou serem o foco dos problemas. Os fantasmas dentro e atrás da máquina, jamais duvidem: tem nome, sobrenome e intenções que não devem ser um segredo. Por isso, a transparência nesse mundo de algoritmos e inteligências artificiais que nunca ignoram ou deixam de enxergar corpos brancos e masculinos, majoritariamente, precisam de esclarecimento. Pois esse todo, na verdade é só um e isso não é de modo algum nós.

Precisamos de anedotas sobre o mundo real das tecnologias cotidianas e inimagináveis de tão grande, falar dos aplicativos simples de controle da alimentação, redes sociais, aquele de reconhecimento facial que economiza o dedo e dos ocupa-quarteirão com a verdade e crueza que merecem, pois só assim realmente os utilizaremos com certeza, clareza, transparência e com uma necessária dosagem de responsabilidade e sustentabilidade. Por isso, não pense só em dados, mas em extração de componentes para eletrônicos em florestas “por debaixo dos panos” e depois no lixo produzido e tóxico na terra, na água, no ar que respiramos, nas uvas e bananas irrigadas com metais pesados...

Desinformação é poder, mata e é a maneira mais inteligente de tirarem de cada um de nós tudo o que é cotidiano e importante. Aquele tempo gasto se descredenciando de serviços que você nunca se cadastrou, mas que naquele de aplicativo ontem, você deu aval para a cópia de “todos os seus contatos” para depois desinstalar e não ter nem a sua privacidade e nem a de seus conhecidos de volta. Essa é a Era da Informação, de verdade. E contrariando Os Racionais, não tem nenhum carro preto... e Jordan Peele, não tem nenhum carro branco nos seguindo. Tudo o que nos tomam vem embalado, coloridinho e gratuito para instalar.

Precisamos contar mais histórias deste cotidiano tecnológico que não é só extrativista, coletor e produtor de lixo e problemas ambientais, mas que fere pessoas porque não se importa com elas, porque visualizações e curtidas supera desrespeitar a dignidade humana. Seu mau uso reproduz o que há de pior na humanidade, mostrando que o usuário cotidiano não é importan-

te diante de quem pode produzir conteúdo maciço. Isso não é uma questão de classe? Parece que é, sim.

E para deixar tudo mais complicado, questões de gênero e raça também foram transformados em fantasmas algorítmicos que desconhecem traços que fogem do padrão normativo branco. Sim, pessoas não brancas e especialmente pessoas negras são as maiores vítimas de racismo embutido na máquina desde antes da Polaroid, daquele X que nunca me encontrava sorrindo e isso ainda é uma realidade em filtros nos aplicativos de redes sociais, construídos não só pela ferramenta, mas por usuários que repetem as mesmas exclusões e não há acaso nessas práticas, nem das postagens com fotos de pessoas brancas sendo mais publicizadas. Isso é o racismo sendo convertido em digital.

É real e pessoas negras e não brancas estão sendo excluídas e até presas por tecnologias criadas por pessoas que nem deveriam estar sentadas numa mesa, decidindo sobre como lidar com outras pessoas que não considera como parte da humanidade. Ninguém é responsabilizado por causar essas dores e é por isso que mais pessoas negras e não brancas precisam contar histórias, para que seus pares se vejam e para que brancos não possam mais contar anedotas racistas ou ausentes de nossa existência.

Mas só anedotas do caos não ensinam caminhos. Precisamos contar histórias positivas sobre tecnologia e pessoas. Essas práticas existem e devem ser exemplos para que nos inspiremos em boas e saudáveis relações em comunidade digital, assim como desejamos ter no mundo real. As tecnologias não podem ou devem ser lugar de fomento de desgaste emocional, discurso de ódio, fake news e dor. Se é e viraliza, algo está errado e esse erro que não é um erro vem de pessoas atrás e na frente da máquina, do aplicativo e da postagem. Dessa forma, não existe, definitivamente, um robô mau que não expresse exatamente a imagem e semelhança do humano que o criou.

E mais uma vez falamos de educação como uma prática comunitária e transgressora de paredes e moldes. Falamos do ato de comunicar a outros que existem caminhos humanos e pluriversais possíveis no mundo real e digital que valem o nosso engajamento, para que não acordemos tarde demais sem boca, sem pele, sem voz, sem terra, sufocados, imaginando ser o último quando não haverá um último para contar a história.

Por isso, pensar em direitos humanos no mundo digital é uma necessidade urgente que visa proteger, também, o que está fora da rede mundial.

Ter transparência é evitar males nos dois lados da tela. Saber que tipo de pensamento montou aquele aplicativo, inteligência artificial, codificação de dados é fundamental para que humanos narcisistas não tornem o mundo da tecnologia um inferno ao alcance do dedo de absolutamente ninguém.

THE FUTURE OF CODE POLITICS II TECHNOLOGIES OF RADICAL CARE

PANEL: LOST IN TRANSLATION II: DECOLONIZING OUR IMAGINARIES ABOUT TECHS

with texts by Denise Alves-Rodrigues, Lu Ain-Zaila,
Gabriela Damián, performed by Kupalua, Génesis
Victoria, Thainá Ina, Yela Quim & Eli Wewentxu.
Moderation & curation: Lucía Egaña & Joana Varon.

English translations by Trajano Pontes.

This session will recover, rewrite and recognize a diversity of cosmovisions around technology.

Therefore it plays with the possibility of thinking about other temporalities, outside of linear progressive time to access ancestral knowledge and imagine decolonial speculative futures. In search of tech imaginaries that run apart from the vision of futures entailed by Silicon Valley and Hollywood, Lu Ain-Zaila, Denise Alves-Rodrigues and Gabriela Damián were invited to contribute stories that bring to the corefront concepts of afrofuturism, non-mechanical and non-heteronormative machines and decolonial science fiction. Those stories will be interpreted live by musicians and performers Kupalua, Génesis Victoria, Thainá Ina, Yela Quim & Eli Wewentxu.

Watch this session and access all these texts in their original languages and in German or English checking out the video description:



TODAS LAS FIESTAS DEL MAÑANA

Gabriela Damián Miravete

PANDORA: Sobrina, eres una condenada ludita

ARCHIVISTA: No, no lo soy. Me gustan las máquinas. Mi lavadora es una vieja amiga. Esta imprenta de aquí es más que una amiga [...]

“Pandora conversa con la archivista de la biblioteca de la Casa Madrone, en Wakwaha-Na”.

De El eterno regreso a casa, Ursula K. Le Guin.

“Todos somos activistas de alguna manera u otra, porque nuestras acciones, o la falta de ellas, tienen un impacto”, dice Rebecca Solnit en su libro *Esperanza en la oscuridad*, dedicado a narrar algunas victorias del activismo a lo largo de la historia. No sé si sea prudente elaborar sobre esa idea y, por lo tanto, inscribir a la escritura de ficción en esa lista de acciones que cuentan como activismo. La premisa es dudosa, pero supongamos que sí: que existe una literatura cuyas intenciones son compatibles con sus propósitos. Dentro de esas intenciones, desde luego, cabrían formas de expresión muy variadas, desde la mera exposición de un problema social hasta la denuncia directa de un hecho histórico. Entre ellas estaría también una expresión muy particular, una capaz de producir, a través del lenguaje, propuestas de mundos otros ubicados en el futuro o en realidades alternas, una expresión capaz de diseñar ensayos de la experiencia que exploren modos de hacer y de pensar distintos a los vigentes al ser extrapolados por medio de la imaginación fantástica. Me refiero a la ciencia ficción, por supuesto, que en ocasiones constituye una expresión literaria capaz de incidir en la transformación de la realidad a través de los elementos críticos, pero, sobre todo, imaginativos, de sus narrativas.

Desde Argentina, T. P. Mira de Echeverría menciona en su ensayo “Literaturas de género, la literatura de la esperanza”, que “[...] la literatura es, esencialmente, un fenómeno vivo y una de las claves constitutivas de nuestra humanidad, en tanto seres que podemos narrar nuestra vida y narrar el mundo en el que estamos, ya sea social o cósmico. Pero sobre todo porque podemos narrar el mundo que imaginamos”. De esta manera, los llamados géneros especulativos cruzan la frontera del realismo para proveer modelos

de toda índole (políticos, tecnológicos, ecológicos, conductuales, espirituales) cuya distancia de los existentes propician la conciencia crítica necesaria para movilizarnos al cambio. Por lo tanto, continúa Mira de Echeverría, “La Ciencia Ficción, la Fantasía y el New Weird son revolucionarios, cada uno a su modo. El cambio es su terreno, como realidad y como posibilidad. Ser una literatura de cambio implica crear opciones, alternativas a lo dado (no importa si optimistas o pesimistas, eso es lo de menos [...]).”

Es cierto que las condiciones históricas de producción de géneros como la ciencia ficción, marginales respecto a los cánones artísticos oficiales, pero de distribución popular (y de voluntad experimental, en no pocos casos) le han dado su carácter transformador y revolucionario. Pero también es cierto que una parte de su discurso ha estado constituido por las ideas en torno al progreso tecnocientífico imperante en los países industrializados de donde son originarios sus autores más visibles, de ahí que durante la llamada “edad dorada” de la ciencia ficción estadounidense (1938-1946) las historias se mostraran optimistas respecto a lo que la tecnología posibilitaría para la humanidad en un futuro, mientras que durante la Guerra Fría se fue asentando el polvo del pesimismo que permeó de forma contundente en las obras cyberpunk de las décadas posteriores. Esta estética, expandida por la industria cinematográfica, los videojuegos y la televisión, fue convirtiendo a la distopía en una forma narrativa predominante en la actualidad, tan es así que desde muchas partes se quiere percibir a la ciencia ficción como “el nuevo realismo”, a decir del escritor Jorge Carrión.

Si bien tal y como apunta T. P. Mira de Echeverría, y como dirían Frank E. Manuel y Fritzie P. Manuel, “En el corazón de toda distopía late, secreta, una utopía”, esta conformidad con el papel “realista” de la ciencia ficción actual podría despojarla de todo su poder transformador. La falta de variedad en el imaginario cienciaficcional de nuestros días produce una cámara de eco que no permite considerar el horizonte de posibilidades que la imaginación es capaz de desplegar. El género, caracterizado por cuestionar las dinámicas aplastantes del Estado y las grandes corporaciones, corre el riesgo, por un lado, de perder la autocrítica y ceder ante el entusiasmo de Hollywood, o bien de volverse cínico y contribuir a los síntomas de la depresión colectiva que, según Mark Fisher, van haciéndose cada vez más evidentes en Occidente: “En la profundidad de la enfermedad, el depresivo no reconoce su melancolía como anormal o patológica: la seguridad de que toda acción es inútil y de que detrás de la apariencia de la virtud solo hay venalidad golpea a quienes sufren de depresión como una verdad que ellos han descubierto, pero que los otros están demasiado engañados como para reconocer.

Existe una clara relación entre el “realismo” aparente del depresivo, con sus expectativas tremendamente bajas, y el realismo capitalista”.

De ahí que la ciencia ficción escrita desde las comunidades discriminadas de los países industrializados, desde las naciones del sur global y, en particular, desde el territorio conocido como Latinoamérica, sea tan refrescante, pues, como apunta Rodrigo Bastidas en el prólogo a la antología de ciencia ficción latinoamericana *El tercer mundo después del sol* (siguiendo las ideas del escritor colombiano René Rebetez), el subdesarrollo “pasará de ser un calificativo que señala una falta, a convertirse en una propuesta estética e ideológica que tiene un lugar posible [...] el único espacio en el cual es posible el diálogo horizontal entre propuestas ideológicas que parecieran opuestas o al menos divergentes: la ciencia occidental, la tecnología, el zen, los ritos de los pobladores originarios, el positivismo, la espiritualidad, el ocultismo y la magia”.

Si pensamos que desde ese territorio, renombrado Abya Yala por las personas que reivindican su derecho a existir como zona libre y autónoma, se construyen otra clase de ficciones, entonces es posible pensar a la ciencia ficción como un territorio en el que se gesta un imaginario colectivo capaz de redefinir o de recodificar en la cultura las nociones mismas de ciencia y tecnología, ya que el territorio material en el que se produce padece los altos costos sociales y ecológicos del extractivismo y la sobreexplotación que sostienen los caprichos tecnológicos del llamado Primer Mundo. El sueño futurista de los millonarios como Elon Musk, con parques recreativos en Marte, se ve muy distinto desde nuestras tierras, cuyas bondades naturales no están disponibles para quienes las habitan desde la Conquista, sino que, pese a las guerras de independencia de hace dos siglos, hoy están al servicio de las inmobiliarias, las mineras y las demandas del turismo internacional.

¿Cómo imaginar, entonces, el futuro desde estas coordenadas geográficas e históricas? Quizá, primero que nada, habría que poner atención a las alternativas y matices existentes en el territorio y que contradicen la supuesta dicotomía que Mark Fisher señala como única vía posible para acabar con el capitalismo: o bien la llegada de “un apocalipsis tecnosocial o un retorno del autoritarismo”. Fisher, como varios más, cuestiona la viabilidad de “un retorno al equilibrio místico primitivo, sin Starbucks y sin iPhone” sin considerar el hecho de que en pleno siglo XXI existen comunidades que no poseen una cotidianidad inundada de los marcadores habituales de la sociedad de consumo. Hay sistemas de gobierno comunal

indígena que, pese a la marginalización a la que les somete el Estado en el que se encuentran encapsulados, viven con dignidad y bienestar, desde la Ayutla mixe en Oaxaca hasta los caracoles zapatistas en Chiapas. Es decir, los seres humanos siguen viviendo en el campo sin muchas de las absurdas comodidades de la posmodernidad y sin que eso sea, necesariamente precario o trágico. Pero para evitar la dicotomía mística/apocalíptica, es importante señalar, como lo ha hecho la lingüista y escritora mixe Yásnaya Aguilar, que estas otras formas de organización no solo tienen lugar en localidades rurales: hay, también, ciudades con internet, cajeros automáticos, con cines y parques eólicos cuya población es totalmente indígena, como Juchitán, cuya radio transmite enteramente en lengua zapoteca a una totalidad de radioescuchas que la entienden y la hablan. Poblaciones en Oaxaca, Guerrero y Veracruz se ampararon en el derecho básico a la comunicación para utilizar la red de telefonía celular de código abierto Telecomunicaciones Indígenas Comunitarias (TIC, A.C.), lo que ha resuelto muchas de sus necesidades económicas, de seguridad, de organización colectiva y contacto humano con sus familiares migrantes en E.U.A. y Canadá. La Red de Activistas Digitales de Lenguas Indígenas es una comunidad cada vez más grande y activa. Es decir: aunque el Estado tiene una deuda con estas comunidades, pues las condiciones de vida en muchos casos están lejos de descansar en un esquema de verdadera justicia social, son una muestra palpable y vigente de que existen alternativas al régimen económico y político actual en todos los aspectos de la vida humana.

En suma, si la ciencia ficción escrita en Latinoamérica se anima a ser una forma del activismo, quizá tendría que hacerse una pregunta similar a esta, que a su vez, parafrasea a la escritora negra Adrienne Maree Brown: ¿Qué medicina de la imaginación necesitarían nuestros entornos para seguir resistiendo, para adaptarse y renovarse según nuestras carencias y deseos?

Hay tantas posibilidades como cabezas imaginando, pero me interesa particularmente una de ellas: la que tiene que ver con las comunidades indígenas que, desde hace 500 años, han sabido sostener su visión de mundo y sus modos de hacer, no sólo porque son maneras eficientes de obtener bienestar para las personas mientras cuidan el territorio que les hospeda, sino porque en ese cuidado encuentran un significado profundo y compartido.

Sería importante que quienes nos interesamos por contribuir a la ampliación de estas formas de vida y escribimos desde la posición de personas urbanas y desindigenizadas, tengamos claro en qué consiste esa vislumbre

de otra clase de mundo y cómo podemos participar de ella a través de la imaginación, conocer y respetar, ante todo, esos modos de hacer e identificar sus necesidades reales, no las que, como visitantes, consideremos que lo son. Es decir, servir a estos modos de vida con esbozos de maneras posibles de continuar en el futuro, no para cambiarlos ni para utilizarlos como simple escenario o decorado. En su libro *Sistemas de Gobierno Comunal Indígena. Mujeres y tramas de parentesco en Chuimeq'ena'*, Gladys Tzul Tzul afirma que “para comprender la prolongada, sostenida y agredida lucha de las comunidades indígenas, es preciso leerlas como el resultado de un acumulado histórico de estructuras que gobiernan, defienden y recuperan sus tierras y todo lo que lo contienen”. Es decir, son estructuras que han permitido la supervivencia no sólo de sí mismas, sino del resto de la población al proteger los territorios que sostienen la vida en un contexto de catástrofe climática. El entendimiento clave de esta organización está en el “nosotros” que implica esta política comunal, contrario al “individuo” que sirve al régimen capitalista, e “implica la defensa, regulación y reapropiación de los medios concretos que garantizan la reproducción de la vida: el territorio, el agua, el bosque, los caminos, las fiestas”. Habría que considerar que en este esquema las labores se administran según la capacidad de trabajo que cada persona tiene, incluso los niños, que participan asumiendo responsabilidades en función del aprendizaje que necesitan llevar a cabo y del trabajo que pueden realizar. Otro punto a considerar sería la excesiva carga de trabajo que absorben las mujeres y el desequilibrio en la repartición de trabajos de cuidados. Necesitamos imaginar formas de lidiar con la migración por desplazamiento forzado del territorio debido a la crisis climática desde las ciudades y los entornos rurales, y también prestar atención a los silenciosos triunfos que las personas defensoras de la tierra ganan al extractivismo. De igual manera, celebrar que nuestros recursos incluyen el reciclaje cyberpunk de la basura tecnológica del primer mundo: aquí no existe la obsolescencia programada porque aprendimos a hackearla, incluso a reconvertirla en aparatos duraderos, de uso comunal. Necesitamos resignificar y proteger los rituales, las ceremonias y nuestras diversas tecnologías espirituales, pues ya empiezan a ser identificados como potenciales “medicinas” para el primer mundo a producirse en escala industrial.

La ciencia ficción, a través de su capacidad hipersticcional (es decir, de su habilidad para generar profecías autocumplidas), ha propuesto tecnologías que a veces han sido recibidas por mentes curiosas y manos habilidosas de tal modo que en tiempos futuros han logrado concretarse. ¿Qué forma tendrían nuestras tecnologías anticoloniales, desde una definición amplia

de tecnología, como la que propone Ursula K. Le Guin en *A Rant About Technology*? “[...] tecnología es la manera en como una sociedad hace frente a la realidad física: cómo las personas obtienen, conservan y cocinan los alimentos, cómo se visten, cuáles son sus fuentes de energía (¿animales? ¿humanos? ¿agua? ¿viento? ¿electricidad? ¿otros?), con qué construyen y qué construyen, su medicina - y así sucesivamente [...] la palabra se usa constantemente de manera incorrecta para referirse solo a las tecnologías enormemente complejas y especializadas de las últimas décadas, respaldadas por la explotación masiva de los recursos naturales y humanos. Este no es un uso aceptable de la palabra. “Tecnología” y “alta tecnología” no son sinónimos, y una tecnología que no es “alta” no es necesariamente “baja” en ningún sentido significativo”.

En *Always Coming Home*, su novela-experimento-homenaje, Le Guin recurre, precisamente, a la extrapolación del pensamiento y el modo de vida de las culturas originarias de California para insertar en el futuro ideas, creencias, tecnologías, danzas y cantos que son un manifiesto político de memoria y restauración. El pueblo de su invención, los kesh, cantan heya con reverencia no religiosa al árbol o a los ancestros, pero también pueden consultar el archivo infinito de La Ciudad de la Mente, una suerte de internet consciente, capaz de autorregularse con discreción y mesura incluso hasta en sus fallas de hardware. En contraste, los kesh disfrutaban de conservar los oficios tradicionales, como el de hacer vino o tejer la ropa o cuidar la granja, y están más interesados en tumbarse sobre la hierba a contemplar la sombra de Ama Kulkun (el temible volcán Monte Santa Helena) que en conectarse a la red. Pero, como dice la Archivista, “mi lavadora es una vieja amiga”. La amnesia tecnológica masiva que Fisher consideraba imposible para hacer una tabula rasa en la ciencia ficción se convierte en una disciplina asequible, como en la cantidad de objetos disponibles en Anarres y el modo de usarlos, en *Los Desposeídos*, de la misma Le Guin: “—No es tuyo —dijo la mujer tuerta con la paciencia de la certeza absoluta—. Nada es tuyo. Es para usar. Es para compartir. Si no quieres compartirlo no puedes usarlo”.

En Latinoamérica, Ramiro Sanchiz, T. P. Mira de Echeverría o Andrea Chapela están formulando su propia versión de un futuro latinoamericano en el que los incas dejaron un legado de interesantes tecnologías pétreas, adolescentes indígenas viven el viaje interestelar como una experiencia del ser o en el que la Ciudad de México cede a su vocación lacustre utilizando la antigua tecnología mexicana de las chinampas. Tomando como punto de partida estas otras epistemologías, es posible imaginar otros futuros, inclu-

so otra clase de artefactos útiles que no impliquen la devastación ambiental ni la violencia contra los cuerpos que habitan estas zonas de sacrificio. Tecnologías que estén a la altura del nosotros múltiple, como lo llama Lucía Lisalata, de la autoridad común y rotativa, de la discusión pacífica, que amplifiquen la comunicación, la negociación, el contacto con otras comunidades distantes, tecnologías de traducción, un instrumento fundamental para evitar la discriminación lingüística y propiciar la paz entre distintos grupos.

Pero sobre todo, quizá necesitemos proyectar al futuro la vitalidad, la alegría, el baile y la fiesta, que no son cosa pequeña, pues nuestra capacidad organizativa para el gozo, para la generosidad, para el afecto, y no para la autodestrucción del ensimismamiento tecnológico, lo que nos hace sobrevivir a nuestros múltiples y cotidianos fines del mundo.